



emocional de filhos adotivos: implicações para proflaxia.

O objetivo desta pesquisa foi investigar o efeito de variáveis referentes ao histórico da adoção (revelação, institucionalização, contato com a família biológica, idade da colocação na família e troca de prenome) sobre os estilos parentais e o nível de ajustamento emocional dos adolescentes. A amostra foi constituída por 68 participantes entre 14 e 15 anos, que até os dois anos já estavam sob a guarda ou tutela da família adotante. Os instrumentos foram uma entrevista referente a características pessoais e familiares, as versões adaptadas das Escalas de Responsividade e Exigência Parental, a Escala de Auto-Estima de Rosenberg e o Children's Depression Inventory (CDI). Os resultados mostraram que a variável que mais contribuiu para variabilidade dos escores de auto-estima e depressão foi a forma de revelação da adoção. Melhores índices de ajustamento foram encontrados entre adolescentes cuja família sempre manteve um padrão de comunicação aberto sobre sua condição adotiva. Conforme esperado, estes dados relacionaram-se ao estilo parental. Pais autoritativos desde cedo conversam com seus filhos sobre a adoção, por exemplo, contando-lhes estórias de personagens adotados. Já os pais negligentes, mantêm a adoção em segredo por um tempo superior aos demais, de modo que muitos dos seus filhos souberam da adoção através de outras pessoas. Como na amostra estudada a negligência foi mais freqüente entre as famílias cujo pai apresentava problemas de fertilização, é possível que a manutenção do segredo esteja vinculada a essa questão. Outra variável importante para a adaptação dos adotados foi a ocorrência de troca de prenome entre as crianças que já haviam sido registradas por suas famílias biológicas. Os dados evidenciaram menor auto-estima e maior sintomatologia depressiva entre esses adolescentes. É interessante notar que a troca de nome é mais freqüente entre as famílias percebidas como autoritárias ou negligentes. Esse achado faz sentido pois esses estilos estão associados a valorização dos seus próprios desejos e interesses. Os dados demonstraram também que os participantes que estabeleceram alguma forma de contato com seus progenitores em busca de suas origens apresentaram maior auto-estima e menor depressão. Estes resultados relacionam-se ao apoio instrumental e emocional oferecido pelas famílias adotivas. Adolescentes que percebem seus pais como autoritativos relataram, com mais freqüência, conhecer sua família consangüínea. Em contrapartida, este índice foi significativamente menor entre os jovens que descreveram o pai como autoritário. Não foram observadas diferenças significativas quanto à saúde emocional dos participantes em função da idade em que ocorreu a adoção e à experiência de institucionalização. Finalmente, uma Análise de Regressão indicou que a revelação da adoção, a mudança de prenome e o contato com a família biológica, em conjunto, explicam 63,8% da variância da auto-estima dos adotados e 57% da variância do índice de depressão. A partir desses dados, é possível viabilizar intervenções que visem à proteção do desenvolvimento dos adotivos.

Caroline Tozzi Reppold; Claudio Simon Hutz.

UFRGS; UNOESC.